

DIAMANTE BRUTO

André Guilherme Freitas

Apresentação

Demian foi um homem cuja trajetória se contaminou pelas dores do tempo. Deixou fluir em suas veias o queimar da raiva; na garganta o amargor das injustiças, e seguiu pelas estradas pedregosas da vida; percebeu que o mal que sufoca o mal não se transmudava em algo bom; entendeu que o amor ao revés de fragilizar, revelava força sobrenatural. Descobriu que o mundo era pueril diante da verdadeira existência, e que a caminhada em meio à escuridão conduziria inevitavelmente ao abismo. Começou como carvão, em desalinho, desordem, e, pela pressão da maldade, pelo talho da revolta, e lapidar da evolução, direcionou-se à simetria final do diamante. Resta saber se chegou.

I:

O dia amanheceu com a neblina engolindo o vilarejo; sequer era possível avistar o outro lado da rua; quando se abria a porta, a nevoa adentrava, deixando todos imersos em uma grande nuvem. Via-se apenas pontos de luz, oriundos das tochas que alguns colocavam à frente das casas ou comércio para orientar os passantes.

Em dias assim, os pensamentos de Demian se avolumavam em uma torrente indomável, e lhe faziam andar com passos incertos, sem destino ou objetivos.

Questionava-se sobre ser a liberdade de escolha realmente livre, e, por ser algo dito como bom, não haveria lógica se conduzisse a caminhos tortuosos.

Lembrou, então, de uma conversa que tivera com sua mãe, daquelas longas que gostavam de ter à luz da lareira, com o estalar da madeira e o cintilar das faíscas; naquele colo sempre encontrava a palavra certa para suas dúvidas e questionamentos:

- Meu filho, um pássaro na gaiola, que nasceu ali, tem tudo: água, comida, luz, escuro para dormir, proteção, e até companhia; assim, ele acredita que aquele é o seu mundo, por ser o único que conhece; é perfeito, pois nenhum esforço faz para ter tudo do que necessita; mas o seu dono, aquele que o colocou na gaiola, sabe que, em verdade, aquele pássaro não tem a felicidade plena, pois, só teria se vivesse livre, na natureza, seu real habitat, com suas asas planando pelos céus, buscando alimentos, procriando, escolhendo em qual árvore pousar e fazer seu ninho, e, ainda que tais escolhas, porventura, lhe conduzissem a dificuldades ou agruras, ainda assim, seria o senhor do próprio destino; isso é uma coisa boa, mesmo que esse bem maior, a liberdade, seja usada para caminhos ruins; assim somos nós, meu filho; Deus poderia nos colocar numa gaiola e ali nos dar tudo de que necessitamos, nos fazer sentir felizes, satisfeitos e realizados, mas ele, o próprio Deus, saberia que isso não é felicidade, isso não é amor, então nos deu nosso livre arbítrio, para que pudéssemos ser o senhor das nossas próprias escolhas, do nosso próprio destino, e, se nessa liberdade fizermos escolhas ruins, certamente a culpa não é de Deus.

- Mas Deus não pode nos ajudar quando fazemos escolhas ruins?

- Deus sempre pode nos ajudar, porém nem sempre buscamos a ajuda dele; **sempre que damos um passo em direção dele, ele já nos encontra**, pois, o passo **dele** já foi dado antes do nosso; **ele** pode fazer tudo por nós, menos nos substituir em nossas decisões, que

cabem ao próprio ser humano, sejam boas ou ruins; caso nos substituísse, seria o mesmo que colocar o pássaro na gaiola, entende meu filho? Ele irá caminhar ao nosso lado, nos apoiar e até nos carregar no colo, mas nunca irá retirar de nós o livre arbítrio, mesmo sabendo que isso poderá nos conduzir a caminhos tempestuosos. A decisão será sempre de cada um.

Porém, Demian seguia sem entender como o livre arbítrio de cada um poderia gerar consequências em outros, principalmente quando se tratava de causar o mal.

- Meu filho – dizia sua amorosa mãe – a Justiça Divina vai muito além, a uma distância que nossos olhos não alcançam; possui uma razão e sentido próprios, que nossas mentes não captam; não tem tempo ou momento para acontecer, algo que nossa paciência e ansiedade não entendem; **para Deus não há momentos ou tempo, mas sempre haverá Justiça e sempre haverá amor; Deus não é justo, ele é a própria Justiça; Deus não é amoroso, ele é o próprio Amor;** portanto, confie, porém nunca deixe de fazer a sua parte, e, principalmente, de fazer o certo e o justo, mesmo que seja o único a agir assim, mesmo que contrarie a tudo e a todos, mesmo que não arranque o sorriso ou simpatia dos que lhe cercam, pois, o sorriso que deve buscar não é o deles. Lembre-se ainda, meu filho, que o estudo nos trará iluminação; a fé nos deixará fortes; mas somente nossas ações serão capazes de construir.

A liberdade de fazer o bem anda lado a lado com a liberdade de fazer o mal, pensava Demian, e, muitas vezes, a facilidade de fazer o mal nos conduz por esse caminho; fazer o bem é mais difícil e nem sempre nos dará o retorno imediato que muitos buscam nessa vida, intrigava-se em suas ideias.

Demian estava cada vez mais certo do que fazia e do que deveria continuar fazendo, e, com mais segurança, encontrava argumentos e justificativas para amparar seus atos; os via como ruins, mas, em sua cabeça, combater o mal com o mal é o mesmo que fazer o bem, pois, se o livre arbítrio conduz alguns a praticar o mal, eles assumem o risco de em seus caminhos cruzar com algo ou alguém que também lhe cause o mal, e talvez isso aconteça até mesmo em harmonia com a vontade de Deus, pensava Demian.

Assim, ia construindo uma noção própria do livre arbítrio; o livre, para Demian, não podia significar ilimitado, principalmente quando esse livre se dirige ao mal, pelo que, deve haver algo que o impeça, que o bloqueie, que o enfraqueça, ou, até mesmo, que o neutralize, que o aniquile, concluía.

O mal não se combate simplesmente o assistindo acontecer, ou esperando que Deus faça algo, pelo que, a noção do livre arbítrio, acreditava Demian, também nos diz que podemos fazer algo contra o mal, ao invés de apenas e confortavelmente esperar a providência divina, que, neste conceito, pode nunca chegar, pois, como sua mãe lhe dissera, Deus não faz por nós, Deus não substitui nossas vontades, não decide por nós, mesmo quando desceu à Terra e se fez homem.

II:

Naquela época do ano os dias pareciam noite e o frio era intenso, mesmo assim, Demian gostava de andar pelas ruas e ver o cintilar das tochas postas pelo caminho.

O vilarejo, onde nasceu e cresceu, passou a lhe trazer incômodo e lhe causar angústia. A ausência de sua mãe lhe apertava o peito. Seus dias tornaram-se incertos, porém, as ideias vibrantes, e, apesar do frio, aquecidas. Seu desejo era seguir adiante, mesmo sem saber o destino.

Afastou-se de pessoas, de oportunidades, e, por vezes, se repreendia por isso. A vida o obrigou a fazer escolhas a todo o momento, e muitas dessas envolveram renúncias, algumas, imodificáveis; não havia conserto no que fora feito, mas Demian evitava sofrer pelo passado e pela incerteza do futuro; o que precisava era se concentrar no presente, que já seria um grande desafio.

Por mais sofrida que lhe parecesse a vida, seguia em sua busca pela paz, mesmo diante das adversidades e covardias que eram postas em seu caminho. As palavras de sua mãe sempre permeavam seus pensamentos:

- Meu filho, a vida vai lhe pregar muitas peças, mas haja o que houver, mantenha a fé e a coragem; não seja covarde, não pratique a covardia com ninguém, ainda que assim façam com você, pois, uma das grandes marcas da coragem é fazer o certo mesmo diante do errado.

Faltou muita coisa para sua mãe lhe ensinar, e pai sequer conseguiu ter por tempo suficiente; coube, então, a vida, daí por diante, fazer esse papel, e, dentre as muitas lições, Demian começou a perceber que para chegar ao certo havia diversos caminhos, alguns nem sempre aceitáveis ou louváveis pelo senso comum, e mesmo o certo possuía variantes, fronteiras bem tênues.

O pouco de luz que ainda restava do dia ia perdendo espaço para a noite apressada do inverno; as tochas com suas chamas amareladas começavam a sobressair; as pontas dos seus dedos e suas orelhas sentiam cada vez mais o frio, e, quanto mais frio, mais as ideias fervilhavam em sua cabeça.

Queria ser forte, mudar, desviar do caminho para o qual vinha sendo empurrado, porém à frente só encontrava a noite fria, cada vez mais abraçada ao silêncio, que sugava, pouco a pouco, o seu corpo e dava-lhe pontadas no peito.

Começou a ficar completamente sem rumo, e andava em passos cada vez mais largos; o escuro dos becos junto com as chamas inconstantes do caminho produziam algumas imagens nas paredes que Demian confundia com pessoas; já não sabia mais o que era real e o que era imaginário; apertava os passos ainda mais, como se precisasse chegar logo a algum lugar, sem que houvesse lugar para chegar.

Precisava se aquecer, pois, já estava entrando em confusão mental; suas roupas e casaco já não davam conta do frio intenso; entrava em becos cada vez mais apertados; algumas portas estavam abertas e via-se sombras dentro, que Demian ignorava, e seguia em seu caminhar desenfreado; quanto mais as ideias borbulhavam em sua mente mais rápido andava; o sorriso da sua mãe; o pai que partiu cedo; o olhar expressivo do seu cavalo

Black; tudo vinha ao mesmo tempo em sua mente; passou pela porta de uma pequena taverna, bem iluminada por dentro; ouviu muitas vozes, barulho de vidro quebrado, gargalhadas; nada lhe segurava; precisava chegar a algum lugar, para estar longe de tudo; sua vista embaçou; não sentia mais os dedos, resolveu correr, rápido, cada vez mais rápido; seu campo de visão foi diminuindo, e, então, viu um grande clarão, um estalo; em seguida, mergulhou em silenciosa escuridão, e pela mesma foi abraçado.

III:

- Olá Demian, pode sentar-se; achei que não viria falar comigo.

- Mas como você sabe meu nome? – indagou espantado.

- Não foi difícil saber – respondeu o ancião com um leve sorriso no rosto – percebo que algo lhe deixa aflito; vamos conversar.

Demian puxou um banco e sentou-se à mesa com o ancião.

- Você é uma boa pessoa Demian, um soldado do bem, e a injustiça lhe afeta além do normal; porém, o excesso nunca é proveitoso e pode acabar se convertendo no próprio mal; muitos já desceram e muitos ainda vão descer, mas você não pode ser um deles; tente sair da beira do abismo, pois, qualquer passo em falso você cairá; tens um coração bom, porém, sangue nas mãos.

Um calor intenso tomou conta do corpo de Demian, dos pés à cabeça; sentiu seus cabelos arrepiarem; seus olhos embaçaram; deitou a cabeça sobre as mãos, e assim permaneceu por alguns momentos; levantou a cabeça:

- Mas... – Demian interrompeu a fala ao ver que o ancião não estava mais lá.

Olhou ao redor, estava na taverna que sempre frequentava; procurou o ancião e não o encontrou. Intrigado, saiu dali, e, com um caminhar lento, voltou para casa; aqueceu água, fez um chá, deitou-se e fechou os olhos.

Os raios de sol começaram a refletir em seu rosto; Demian saiu da cama com a conversa que teve com o ancião ocupando seus pensamentos. Passou o dia contando o tempo e acreditando que poderia encontrar o ancião na taverna quando a noite caísse. Após o último suspirar do dia, seguiu apressadamente para lá; a lua brilhava intensamente no céu, e uma noite bastante fria se anunciava.

Adentrou à taverna, mirou o canto onde acreditara ter encontrado o ancião; não o viu; olhou ao redor, nada. Sentou-se à mesma mesa esperando que ele chegasse. Passaram-se algumas horas, e Demian já tinha bebido algumas canecas de cerveja. A embriaguez tomou conta do seu corpo, potencializada por seu estômago vazio; levantou-se cambaleando e seguiu direto para a porta e dali rumou para casa; no caminho de volta, começou a sentir o frio intenso queimar sua pele e rosto, e só então percebeu que esquecera seu casaco e luvas dentro da taverna, porém, mesmo assim, não quis voltar.

O frio começou a lhe tirar as forças; as pernas de Demian fraquejavam e sua visão começou a escurecer; pouca energia lhe restava; não tinha mais condições de andar e percebeu que ia desmaiar; avistou um banco no canto da rua e ali deitou-se. Com o passar da noite, o frio se tornou mais intenso; uma carroça parou em frente a um Demian já desacordado; o carroceiro vestia uma japona preta com um capuz que escondia seu rosto; pegou Demian, colocou dentro da carroça, e o cobriu com um cobertor.

A carroça seguiu e levou Demian até sua casa; o carroceiro abriu a porta, acendeu a lareira e colocou água para esquentar; trouxe Demian para dentro, e o deitou próximo à lareira; deu suaves tapas em seu rosto para despertar:

- Acorda; você está em casa – e assim fez até Demian acordar.

- Onde estou – indagou um perdido Demian.

- Em casa; acorde, pois, ainda não chegou a sua hora.

O carroceiro se dirigiu à porta para ir embora, abaixou um pouco o capuz da japonsa e se despediu de Demian, que, nesse momento, percebeu que se tratava do ancião:

- Como você sabia onde eu moro? – indagou Demian, desperto e com os olhos arregalados.

- Não foi difícil saber – respondeu-lhe o ancião, com um leve sorriso no rosto, antes de sair.

IV:

Os sonhos povoaram a cabeça de Demian, a ponto de acordar pela manhã exausto; lembrou de um, no qual caminhava com as roupas rasgadas e fumegantes, como se tivesse saído de um incêndio, e arrastava pelo braço duas pessoas, cujas peles eram parecidas com escamas e avermelhadas, até chegar a um desfiladeiro e as arremessar; os corpos então caíam em uma larva de vulcão, e lá queimavam.

Essa imagem não saía de sua cabeça; nada conseguiu comer, e teve vontade apenas para alguns goles de chá com leite. O incômodo e a perturbação em sua cabeça começavam a se transformar em raiva daqueles que só faziam peso na terra; caçadores de vantagem e do prazer a qualquer custo, sem compromisso com a moral; financiadores da desgraça alheia.

Demian sabia que não era um exemplo a ser seguido e nunca lhe passou a ideia de ser santo ou herói, mas lhe doía a alma ver a baixeza moral, quanto mais em pessoas de elevada projeção social, ou ocupantes de importantes funções. Era frio para suas próprias dores, mas sentia profundamente as dores do mundo. Não buscava redenção ou salvação eterna, mas tinha uma fome que precisava saciar.

Sua indigestão, náusea, insônia, eram apenas reflexos no corpo físico de algo que sentia n'alma, e, para não sofrer, fazia alguém, que acreditava merecer, sofrer. Começou a ter a certeza de que o dinheiro, o vício e o prazer a qualquer custo, no sofrível mundo em que vivia, retornariam em forma de sofrimento, quase nunca proporcional ao mal causado, e, por vezes, representariam o fim da jornada, e Demian se dispunha a ser esse mensageiro.

O mal estava por todo o lado, acreditava Demian, em todo lugar. Tinha como certo que a vigilância deveria ser constante, sem dia e hora para terminar; sem descanso; sem menosprezar o inimigo.

Seu cansaço era constante, e seus pensamentos conflituavam a todo momento; o desejo de vingança, de justiça a qualquer custo, latejavam em sua cabeça; lhe tentavam, ganhavam espaço, porém, quase sempre, conseguia os abafar; sabia que o leão na jaula, mesmo adormecido, é mortal, pois, basta alguém o açular, que logo deixaria claro o estrago que poderia fazer. Os pensamentos de Demian eram assim, e o que os separava das atitudes era a jaula, na qual Demian colocou forte cadeado. Não se penalizava por sentir raiva e desejo de vingança, por serem sentimentos humanos, porém, lembrava que o cadeado algumas vezes foi aberto, e, por um tempo, sequer houvera cadeado.

Costumava ler a Bíblia junto com sua mãe; lhe trazia muita paz e tranquilidade; por vezes abria uma página aleatoriamente e lia. Certa vez quando abriu se deparou com Mateus 7:1,2: “não julguem, para não serem julgados; pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem também será usada para medir vocês”. Sua mãe lhe explicou que essa passagem era uma lei divina, que os espiritualistas chamavam de “lei da causa e do efeito”, e os budistas de “lei do kharma”; na taverna costumavam falar “aqui se planta aqui se colhe”; Demian vinha se dispondo a ser um instrumento para tais compensações, porém, o que fez e acreditava ser justo guardava para si, no cofre das suas memórias e no travesseiro da sua consciência.

Os lados obscuros da vida lhe ensinaram bastante; deixaram-lhe algumas feridas; algumas cicatrizaram, outras latejavam. Demian era o seu próprio carrasco, daí suas turbulências mentais. Seguia por um fecho de luz indeciso e vago, mas sabia viver assim.

A taverna era, por vezes, o seu refúgio; sentava-se em um canto, sozinho, cercado de pensamentos; os preferia ao tipo de gente que ali frequentava, e não entendia a necessidade de todos por constante companhia, como uma espécie de dependência; precisava conviver consigo, se compreender e se bastar. Apenas queria conversar consigo, e não ser um desconhecido de si próprio; não era isolamento, mas autossuficiência; não havia como se esconder do mundo real.

Foi para os fundos da taverna, pegou uma bacia, encheu de água fria e jogou em seu rosto; sua alma regressou ao corpo junto com o fardo da realidade que lhe poupava apenas quando dormia, ou melhor, quando conseguia dormir.

As dores pelo corpo lhe faziam lembrar que ainda estava vivo; uma fina chuva começava a cair; sentia as gotas em sua mão, em seu rosto, o cheiro; muitos viam a chuva com tristeza, como lágrimas do céu; Demian apenas se concentrava na sensação da água tocando o seu corpo, e imaginava que após sua morte talvez experimentasse várias sensações, mas essa certamente não; voltou para casa desfrutando desse sutil momento, imaginando que, tal qual a natureza, em nossas vidas precisamos de dias de sol e de dias de chuva, e, após a tempestade, geralmente nascem as mais belas flores, chamadas de virtudes.

V:

Desde tenra idade Demian tinha esse traço em sua personalidade: gostava de ficar só; até sentia falta de estar próximo a alguém, mas não dependia disso; em determinados momentos, repelia o excesso de gente ao redor, ou as companhias indesejadas, pois, a falsidade nunca lhe fora simpática; quando não gostava de alguém, simplesmente a evitava de todas as formas; não compreendida como as pessoas falavam coisas não muito agradáveis de outras, mas, na presença delas, apertavam as mãos e as abraçavam como melhores amigos.

Não entendia como isso funcionava, como era tão mascarado dentro dos grupos, a ponto de frequentarem a casa um dos outros, porém, quando distantes, falarem coisas torpes, como se aqueles, com quem há pouco compartilharam a mesa e o vinho, fossem criaturas abomináveis.

Certa vez fora convidado por um amigo, Lúcio, a compor uma espécie de grupo de leituras:

- Demian, você não faz parte de nenhum dos grupos que temos aqui na vila, precisa fazer parte de algum.
- Mas por que deveria?
- Ora, porque todos fazem parte.
- Nenhum grupo me atraiu.
- Acho que talvez se interesse pelo nosso; fazemos várias leituras e ficamos discutindo questões filosóficas, como a morte, a falsa crença em Deus, o poder da Igreja e o autoritarismo do Rei.

Demian ouviu com atenção o que Lúcio acabara de falar; ficou pensativo, e indagou:

- Mas lembro que você um dia me falou que acreditava em Deus, que gostava de ir à Igreja e ler a Bíblia com o seu pai; lembro também que disse terem roubado do seu pai frutas e um carneiro, além de destruírem algumas árvores do seu plantio, e que ele procurou o emissário do Rei no vilarejo para resolver, e, como eles não conseguiram descobrir quem praticara os atos, lhe deram uma ajuda financeira para compensar os danos; não foi isso?
- Sim, foi, mas no grupo tenho outras ideias, até para poder fazer parte e ser bem aceito; assim, todos simpatizam comigo e com as ideias radicais que trago; esse é o maior grupo do vilarejo; o que tem mais influência e o que é mais falado, por isso quero fazer parte e ser bem considerado ali.
- Quando eu estiver pronto para isso, lhe aviso.

Nunca mais tocaram no assunto, e a pouca proximidade que tinham se tornou ainda mais escassa.

Demian cada vez mais tinha a compreensão da necessidade das pessoas se agregarem em algum grupo, em busca de um refúgio no recolhimento do rebanho, permitindo que suas individualidades, suas aspirações pessoais, suas ideias, e até mesmo seu destino fossem

neutralizados pelo prazer de estarem em grupo, para se sentirem parte do poder e valorizados, pois, fora, eram desprezíveis, imperceptíveis, tal qual aqueles que repulsam o próprio destino.

Demian não conseguia enxergar no vilarejo em que morava comunidades verdadeiras, mas sim, vários rebanhos de pessoas que renunciavam ao próprio pensamento e o entregava a terceiros, para serem direcionadas, como um boi na boiada.

Ficavam temerosas em divergir, para não serem vistas como inconvenientes ou antissociais. O fator de união traduzia-se no medo, na inveja alheia, no recalque, e na desilusão, e inúmeros outros sentimentos pouco nobres que se agregavam e se atraíam, como um ímã da fraqueza humana, para ali, talvez, juntarem os frangalhos e tentarem transformar em algo aceitável, comungando ideias e pouca força, a fim de produzirem algum barulho, diante da ausência de coragem para seguirem sozinhas, fora do rebanho, e transparecerem suas fraquezas, suas incompletudes, deficiências e vícios, pelo que, preferiam ser puxadas por aquele que tinha o sino preso ao pescoço.

VI:

A vida é uma torrente, que corre para o passado enquanto nadamos contra a correnteza rumo ao futuro, percebia Demian; o que mais precisava naquele momento era se libertar das angústias e assombros, dissipar as espessas nuvens dos seus pensamentos.

“Meu filho, o passado é a flor que murchou, o sol que apagou, a neve que derreteu; enterre seus ressentimentos e decepções no cemitério do passado, e viva o presente”; era o que sempre lhe dizia sua mãe, quando o via angustiado.

Seu sustento, seu pilar, seu conforto, não estava mais consigo; sua mãe lhe deixara sem avisar, sem lhe preparar, apenas foi, e Demian ficou só e se via incapaz de resolver as intempéries, ali, naquele lugar, naquele vilarejo, naquela mesma vida.

O desespero chegou, em um dado momento, a lhe assombrar, e pensou em até mesmo por fim a sua existência, mas sempre que essa ideia lhe vinha, lembrava das palavras de sua mãe, comentando quando isso acontecia com algum habitante do vilarejo:

- Meu filho, tirar a própria vida não é um ato de coragem, e sim de covardia; coragem é ficar vivo e enfrentar, superar os problemas que a vida lhe apresenta! Não seja um covarde, em nada na vida, pois, o covarde morre muitas vezes antes da verdadeira morte.

Coragem era algo que não faltava a Demian, porém a questão não era essa. Seguiu, caminhando solitário pelas ruas e vielas em direção à taverna; fazia uma noite particularmente sombria, nuvens negras corriam pelo céu, e os relâmpagos as rasgavam de ponta a ponta; a lua não quis se apresentar.

Ao chegar, a mesma cena de sempre: carroças e cavalos amarrados à entrada, e dentro, a fumaça espreita dos cachimbos e charutos, o reflexo das taças e canecas vazias, o alvoroço dos ébrios, e a libertinagem espalhada pelo salão.

Avistou ao canto o ancião; estava ali, quieto, sozinho, com um copo d'água e uma taça de vinho, puxando a barba para baixo como um mantra; Demian aproximou-se e logo ouviu:

- O que vês é alguém que não vive mais, apenas comparece a este mundo; o espírito é que dá a vida, a carne não adianta nada; não enterre aqui sua vida; siga adiante, e busque os verdadeiros valores, que não se adquirem com moedas.

Após mencionar essas palavras, o ancião levantou-se e saiu porta afora. Demian seguiu atrás; queria, ao menos, saber o seu nome, porém, o perdeu de vista; olhou para todos os lados e correu um pouco mais à frente; desolado, voltou à taverna e em nada mais conseguiu pensar além daquelas palavras.

Epílogo:

Demian precisava abandonar o passado, e, para isso, tinha que, também, deixar aquele vilarejo. Acreditava que dessa forma seria mais fácil. Pôs-se então em cavalgada rumo à cidade, de forma incansável, do nascer ao pôr do sol.

Parecia que Black, um cavalo sempre muito disposto, fora impregnado com um vigor acima do normal; seguia ainda mais veloz, e Demian se empolgava com a sensação do vento em seu rosto e o horizonte como direção.

Não queria se afastar muito da margem do rio, pois sabia que para a cavalgada ali era mais seguro, por ser o caminho comum que todos percorriam; mas a empolgação o fez entrar um pouco para a lateral em direção à floresta; queria desfrutar de outra visão.

Black foi surpreendido por uma falha no solo, encoberta pela vegetação; caiu e arremessou Demian, que se chocou violentamente contra o chão e desmaiou.

Ao abrir os olhos, a escuridão prevalecia; estava com frio e sede; tocou em seu corpo e percebeu que estava sem suas vestes; aos poucos e com muito esforço começou a enxergar o arredor; uma rua que, ao final, percebia-se os traços de algo parecido com um palácio; ao alto um ponto brilhante que, lentamente, se aproximava de Demian.

O brilho chegava cada vez mais perto, e Demian logo começou a visualizar os traços daquilo que não era uma estrela, mas a silhueta de uma pessoa, formada por uma névoa e com uma luz por dentro, agora já bem diante de si; não havia um rosto, mas, tão somente, as linhas de um corpo, brilhante, que ali estava, e a luz, de tão intensa, o incomodava. Seus pensamentos foram invadidos por uma voz:

- Sabe onde está?

- Não – respondeu Demian, em tom nervoso e inseguro.

- Siga-me.

Aquela existência imaterial seguiu em direção ao palácio que Demian há pouco avistara; quanto mais perto, a imponência do palácio se revelava, e Demian começava a ver seus detalhes; uma grande porta de entrada, aberta; pontos de luz entrando e saindo com rapidez e fluência. Mais uma vez ressoa em seus pensamentos aquela voz:

- Consegue ver esses pontos de luz, entrando e saindo da grande casa?

- Sim; o que são?

- São existências, como a minha; podemos entrar e sair livremente da grande casa; porém vocês, quando entram, não podem mais sair, por isso precisam pensar bem, avaliar muito seus atos, antes de atravessarem aquela porta.

Após silenciar por alguns momentos, tentando entender aquilo tudo, indagou:

- Quem mora nesse palácio?

- A Madame! Agora chega de perguntas; me siga.

Seguiram, então, em direção contrária ao palácio; Demian olhava para trás e via aquela grande construção cada vez mais distante, até desaparecer na escuridão; olhava ao redor e para frente, e nada via, apenas a luz daquela existência que o guiava, quando, então, pararam.

Demian percebeu que estava à beira de um penhasco, e podia avistar, lá embaixo, muitos pontos de luz, em grande movimento:

- Consegue enxergar o que há lá embaixo?
- Vejo apenas pontos de luz, se movimentando.
- Olhe com mais calma e atenção; verá duas grandes valas no chão, que são rios secos, que se encontram no horizonte.

Damian olhou com mais atenção e conseguiu ver as duas grandes valas no chão, realmente iguais a rios que secaram, e, por ali, os pontos de luz se movimentavam.

- Sim, agora consigo enxergar; mas o que significam?
- São os rios da vida, que, para vocês que estão aqui, são secos, sem água, portanto, não podem ser navegados.
- Para onde vão?
- Quando cheios, seguem em direção ao grande mar da paz e da salvação.
- E esses pontos de luz que lá se movimentam? O que fazem? Por que tantos? – indagou Demian completamente confuso com tudo aquilo.
- Estão lá para ajudar os seres sem luz como você, que daqui você não consegue ver, pois, estão apagados; são muitos e vagam pelos leitos dos rios secos; ficam juntando punhados de areia, acreditando ser ouro; recolhem a lama, acreditando ser prata; seus olhares estão voltados apenas para o que acreditam ser riquezas, e cegam àquilo que vale mais do que qualquer cetro ou trono, que qualquer pedra preciosa.
- Mas eles não conseguem ver que estão juntando algo que nada vale? Eles não percebem que se trata apenas de areia e lama? – perguntou um assustado Demian.
- Tiveram a vida toda no mundo de onde vieram, porém não perceberam, não reservaram parte do seu dia, do seu tempo, para perceber; por isso o brilho se perdeu e o rio secou; a decisão é sempre de cada um; acreditaram ter tudo, aqui viram que nada têm.
- Se tivessem percebido, aliás, se nós tivéssemos percebido, iríamos para outro mundo?
- Sim! Um mundo onde brilhariam como estrelas no céu; um mundo onde o esplendor que dele irradia não se apaga; um mundo para o qual muitos são convidados, porém quase ninguém tem tempo.
- Ainda consigo chegar a esse mundo?
- Alguns conseguem; porém, para isso, precisam entender tudo o que não entenderam no mundo de onde vieram; quando entenderem, conseguirão encher o leito do próprio rio, e, só então, sair da escuridão e navegar para a paz eterna; alguns desistem, e atravessam a

porta da casa da Madame; outros, seguem eternamente juntando punhados de areia ou remexendo a lama; como lhe disse, a decisão é sempre de cada um.

Demian silenciou e voltou a olhar fixamente o leito dos rios secos. Novamente seus pensamentos foram invadidos:

- Vocês passam a vida toda juntando riquezas, e não percebem que a vida de vocês não depende de suas riquezas; aquele que passa a vida toda juntando ouro para si, aqui, nesse mundo, nada tem; todos aqueles que estão lá embaixo, sem qualquer brilho, confiaram na abundância de bens, e agora estão lá, apagados em meio à terra e à lama; pensaram ser definitivo algo que era transitório.

- O que é definitivo então? – indagou Demian, tentando processar tanta informação e verdade ao mesmo tempo.

- Definitivo é apenas o que haverá de continuar após ser ultrapassado o último portal; não a porta da casa da Madame, mas sim a última das portas, a porta final! Não baseie a sua alegria e a sua tristeza nas coisas transitórias, mas sim procure os bens definitivos, que nem a ferrugem e nem a traça podem destruir. Tudo passa na realidade humana do mundo de vocês, até a dor.

- O que devo fazer então?

- Tenha isso em mente e a partir daí redefine sua vida; lembre-se que a sabedoria é a única riqueza incalculável; busque-a, está ao alcance de suas mãos; valorize-a mais do que a saúde e a beleza, mais do que qualquer bem material, pois, aqui neste mundo, tais bens são apenas terra e lama; a lógica do mundo de vocês, não é a lógica desse mundo. Deixe que a verdadeira semente da justiça brote em você.

Demian continuou ali sentado, com as pernas penduradas à beira do desfiladeiro, olhando os pontos de luz se movimentarem lá embaixo. Perdeu a noção de quanto tempo ali permaneceu, pois, naquele lugar, o tempo não tinha a mesma lógica e importância com as quais estava habituado.

Novamente percebeu um brilho vindo em sua direção, que ia se ampliando e intensificando quanto mais se aproximava; sentiu que começou a se desgarrar do chão, e, então, uma força abrupta o sugou para dentro dessa luz.

Um silêncio absoluto e total se instalou; logo em seguida, começou a ouvir algumas vozes, de criança, de mulher, e algo lhe tocando, em seu rosto; as vozes ficaram cada vez mais perto; abriu os olhos.